

“Meu nome é Rodrigo Plein, tenho 15 anos, sou apaixonado pela agricultura e pretendo seguir na atividade leiteira. Moro com meus pais, no oeste de Santa Catarina, no município de São João do Oeste, a uma distância de 7 km da cidade. Atualmente curso o 1º ano do ensino médio e, no ano passado, a escola em que eu estudava adotou o ensino integral, e eu deveria ficar o dia inteiro na escola. Por isso decidi mudar pra outra, pra poder ajudar meus pais na agricultura.

Pretendo terminar o ensino médio, me formar em técnico em agropecuária e depois trabalhar na atividade agrícola. Minha família respira agricultura, meus dois irmãos se formaram técnicos em agropecuária e hoje trabalham na cidade, com atividades relacionadas a ela. Somos uma família de agricultores. Não temos mão de obra contratada.

A nossa propriedade tem 15 ha, e uma parte dela, 4 ha, é destinada à produção de silagem, na safra normal e safrinha, totalizando cerca de 8 ha/ano, e uma outra parte, 2 ha/ano, é destinada à produção de grãos para venda (revezando todo ano para aproveitar a palhada). Outros 2,5 ha são usados para pastagens perenes. No inverno, semeamos em todas as áreas aveia e azevém para pastagens de inverno.

Trabalhamos com média de 23 vacas da raça Holandesa em ordenha e com média de produção de 14 mil litros por mês. Contamos com sala de ordenha, uma das primeiras em nosso município. Também fomos dos primeiros a implantar resfriador a granel. Isso, há onze anos. Muitas propriedades por aqui estão parando, pela falta de mão de obra, mas as que continuam pretendem aumentar a produção com o melhoramento genético e com o emprego de tecnologia.

Também trabalhamos com suínos, 440 animais, em parceria no setor de terminação. Um dos principais benefícios consorciando as atividades é o aproveitamento dos dejetos, diminuído os custos com fertilizantes. Há sete meses adquirimos um trator para agilizar e otimizar os serviços na nossa propriedade e não depender de terceiros. Na nossa região predominam os vales, com muitas áreas não mecanizáveis, mas com solos férteis.

Aqui recebemos bastante incentivo da prefeitura, com horas-máquina para melhorias, veterinários e melhoramento genético. E no final do ano ocorre a Expo São João. Vamos expor novilha lá. Vendemos nossa produção para a Cooper A1, que revende para a Aurolat. Pela Cooper A1 recebemos bastante assistência técnica, com acompanhamento na propriedade e realização de dias de campo. No futuro, planejo implantar o confinamento de animais, no modelo free-stall, pois nossa região tem bastante amplitude térmica, e se torna um pouco difícil implantar pastagens perenes, pois aí ocupa uma área maior. Com o confinamento seria mais fácil aproveitar todas as áreas. Nunca visitei uma propriedade com esse sistema, mas gostaria muito”.

Conheci o Rodrigo pela internet. Ao receber esta carta, não resisti e decidi compartilhá-la com os leitores, pela riqueza de informações que ela nos traz. O Rodrigo é um adolescente, não nos esqueçamos disso. Tem apenas 15 anos. É inteligente, articulado e diz que pretende seguir na atividade leiteira. Quantos conhecemos assim, como ele? Com uma vida inteira pela frente, o que leva Rodrigo a escolher a atividade leiteira como projeto de vida?

Rodrigo mora próximo da divisa entre Rio Grande do Sul e Argentina, num município que tem 6.036 habitantes, apenas. O Produto Interno Bruto – PIB é de R\$ 22.900, o dobro do Brasil. O rendimento médio de uma família é de R\$ 2.750 mensais, tanto no



Um JOVEM CHAMADO RODRIGO

campo quanto na cidade, o que é um feito raro e bem acima da família brasileira. Já o Índice de Desenvolvimento Humano - IDH do município é considerado alto pela ONU. É de 0,761, enquanto o do Brasil, que é considerado médio, não passa de 0,699. Entre 2006 e 2012, o município aumentou a produção de leite em 77,1%, enquanto a produção brasileira, 27,2%.

Pelo visto, Rodrigo é um jovem feliz. Por lei, não deveria estar trabalhando.

Mas ele está construindo seu futuro no trabalho. Ah! E desejam que ele fique todo o tempo na escola. Mas como conciliar o ensino formal e a geração de renda familiar? Como aprender com a lida? Será que nosso ensino formal está em consonância com a realidade das diferentes regiões do Brasil? Será que as características culturais, econômicas e sociais estão sendo consideradas? O Rodrigo e o Brasil perdem mais ou ganham mais com ele estudando somente meio expediente? O modelo do ensino brasileiro contribui para que os Rodrigues apareçam e cresçam? Penso que não!

O Rodrigo tem no pai um exemplo. Deve ser um cinquentão, que levou o filho para o trabalho cedo e ali compartilha com ele não apenas o seu conhecimento sobre leite, mas principalmente, os valores morais que cultivava. Bela escola! Seu pai está atento à inovação, buscando implantar tecnologias que aumentem a produtividade. A família foi uma das primeiras a instalar a sala de ordenha, o que a maioria das propriedades brasileiras ainda não equacionou até hoje.

Além disso, desde 2002 estão com o leite granelizado. Quantos pais se fazem acompanhar dos seus filhos, enquanto se dedicam ao leite, seja na produção ou na gestão? Quantos pais demonstram ao filho o prazer que sentem ao se dedicarem à atividade? Quantos pais falam bem do leite perto de seus filhos? É evidente que tudo isso conta na decisão do filho em continuar a atividade, sucedendo o pai.

O ambiente institucional também é estimulante para Rodrigo. Espontaneamente, ele elogia a atuação da prefeitura do município, que apoia a produção agrícola, com prestação de serviços poupa-

dores de mão de obra (máquinas), sêmen e conhecimento. Surpreendente, pois o normal é a prefeitura não ser lembrada, por ser omissa. Quando é lembrada, é por não cuidar das estradas.

Ele também elogia o apoio dado pela sua cooperativa, que oferece assistência técnica, acompanha o desempenho da propriedade e realiza eventos técnicos, como dia de campo, que permite integração e motivação entre produtores, item fundamental numa organização social, além do repasse de conhecimento.

Enfim, a família do Rodrigo tem todo um suporte de assistência técnica para fazer o que é o certo na atividade. Veja como ele fala com satisfação da exposição agropecuária, que tem o papel de legitimar socialmente o seu trabalho, sua condição. Dali ele volta com sonhos renovados. Sonhos, que sonha com o pé no chão. Ele usa a palavra planejar, já fala em free-stall.

O Rodrigo é de classe média, vive num ambiente familiar acolhedor, próximo da cidade, protegido pela cooperativa e prefeitura, que criam ambiente favorável à inovação. Ele vê o pai melhorando de vida com o leite e, então, se sente socialmente orgulhoso produzindo leite. Ora, um menino inteligente nesse ambiente, vai querer sair do leite? Outros Rodrigues, em outros estados, querem sair o quanto antes. Penso que ambos estão certos. Afinal, respondemos a estímulos, somos frutos do meio em que vivemos.

Paulo do Carmo Martins é doutor em Economia Aplicada pela Esalq-Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, pesquisador da Embrapa Gado de Leite e professor da Universidade Federal de Juiz de Fora-MG.

Ele vê o pai melhorando de vida com o leite. O Rodrigo, então, se sente socialmente orgulhoso produzindo leite

Seleção de gado Holandês brasileiro. Para que serve?

BALDE BRANCO

ENTREVISTA
DONALD MEYER
Análises de alimentos dos EUA agora no Brasil

Subprodutos na dieta de vacas leiteiras

Ocitocina: evitar o uso é recomendável

Genética sob encomenda de quem compra

CAPACITAÇÃO

Técnicas de produção, de manejo e de gestão fazem parte do programa do Sebrae dirigido a pequenos produtores, tornando-os muito mais eficientes